

DAVID REMNICK

O túmulo de Lênin

Os últimos dias do Império soviético

Tradução

José Geraldo Couto



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1993 by David Remnick

Copyright da nova introdução © 2010 by David Remnick

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Lenin's Tomb: The Last Days of the Soviet Empire

Capa

Claudia Espínola de Carvalho

Foto de capa

Valeriaaarnaud/Shutterstock

Preparação

Cacilda Guerra

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Jane Pessoa

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Remnick, David

O túmulo de Lênin : os últimos dias do Império soviético /
David Remnick ; tradução José Geraldo Couto. – 1ª ed. – São Paulo :
Companhia das Letras, 2017.

Título original: Lenin's Tomb : The Last Days of the Soviet Empire.

Bibliografia

ISBN 978-85-359-2841-9

1. Chefes de Estado – União Soviética – Biografia 2. Lênin, Vladimir Ilitch, 1870-1924 3. Revolucionários – União Soviética 4. Rússia – Política e governo – 1894-1917 5. União Soviética – Política e governo – 1985-1991 1. Título.

16-08365

CDD-947.0840922

Índice para catálogo sistemático:

1. Lênin : União Soviética : Política e governo : História 947.0840922

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

<i>Introdução — A ilusão do fim (2010)</i>	9
<i>Prefácio</i>	17

PARTE I — PELO DIREITO DE MEMÓRIA

1. O golpe na floresta	27
2. Uma infância stalinista	36
3. A ser preservado, para sempre	52
4. O retorno da história	68
5. Viúvas da revolução	87
6. Ninotchka	108
7. O Complô dos Médicos e além	128
8. Memorial	146
9. Escrito na água	168

PARTE II — VISTAS DEMOCRÁTICAS

10. Mascarada	195
11. Os pensadores ambivalentes	218
12. Homens de partido	239

13. Gente pobre	260
14. A revolução subterrânea	282
15. Postais do império	304
16. A ilha.....	321
17. Pão e circo	330
18. O último gulag.....	339
PARTE III — DIAS REVOLUCIONÁRIOS	
19. “Amanhã haverá uma batalha”	357
20. Ilusões perdidas	370
21. A Revolução de Outubro.....	389
22. Primeiro de Maio! Primeiro de Maio!.....	411
23. O Ministério do Amor.....	431
24. Setembro negro	451
25. A torre.....	469
26. A linha geral.....	500
27. Cidadãos	516
PARTE IV — “PRIMEIRO COMO TRAGÉDIA, DEPOIS COMO FARSA”	539
PARTE V — O PROCESSO DO ANTIGO REGIME	611
Posfácio à edição da Vintage — “O coração ainda não está alegre”.....	659
<i>Agradecimentos</i>	671
<i>Notas sobre as fontes</i>	674
<i>Referências bibliográficas</i>	693
<i>Créditos das imagens</i>	697
<i>Índice remissivo</i>	699

Introdução

A ilusão do fim

Há muitos motivos, além de um senso de glamour literário, para que repórteres acalentem o sonho de se tornar romancistas. O escritor de não ficção fica tolhido pela obstinada informidade da realidade, essa característica de uma-coisa-depois-da-outra que tem a vida, como efetivamente é vivida. O romancista dispõe de uma licença para ir além das barreiras do fato e entrar nos lugares escuros, elusivos do mistério, do impulso, da paixão humanos; ele ou ela tem o poder de fazer o que mesmo Deus reluta em fazer — impor à experiência uma simetria que suscita até a mais suspeita das satisfações: uma história com começo, meio e fim.

Nenhum bom repórter é tolo ou vâo o bastante para supor que a história está acontecendo de uma certa maneira para seu benefício, mas nenhum jornalista trabalhando em Moscou durante os anos definidos pelo reinado de Mikhail Gorbatchóv e pelo colapso do comunismo e da União Soviética poderia deixar de se sentir esmagado pela diversidade e complexidade do que estava acontecendo. Os importantes eventos que ocorriam em cada nível da vida política, econômica, intelectual e social eram tão intensos, tão bruscos — sem falar do fato de que se espraiavam numa extensão de proporções incríveis — que nunca houve nenhuma sensação, em nenhum de nós, de que poderíamos prestar um testemunho adequado de tudo aquilo, certamente não para os jornais do dia seguinte.

E ainda assim uma das dádivas concedidas aos repórteres que viviam em Moscou naquele período foi a sensação de terem testemunhado um dramático fim, de um tipo colossal, histórico-mundial. Em agosto de 1991, minha mulher, Esther Fein, e eu tínhamos programado nossa volta para casa, após quatro anos em Moscou. Ela estivera a trabalho pelo *Times* de Nova York. Eu, pelo *Post* de Washington. Àquela altura, o drama da perestroika, o movimento de reforma iniciado quando Gorbatchov assumiu o poder, em março de 1985, já era de muitos modos hiperdramático — os Estados da Europa Central e Oriental estavam vivenciando a infância de sua libertação do domínio do Kremlin; as repúblicas soviéticas clamavam por mais independência; o Partido Comunista da União Soviética estava num estado de pré-falência ideológica e política — mas ainda não ficara claro no que todo esse drama iria redundar. Se estava prestes a haver um fim, nós não o veríamos. Nossa tempo acabara. Os correspondentes americanos não costumam ficar em seus postos por muito mais de quatro anos. Assim, depois de nos despedirmos de nossos amigos, depois de fazer nossas malas e esvaziar nosso apartamento na Kutuzovsky Prospekt e depois de fazer e publicar uma entrevista com Aleksandr Yakovlev, um confidente de Gorbatchov, na qual me contou que estava esperando um golpe desfechado pelo Partido Comunista e pela KGB, partimos, num voo da Pan Am, do aeroporto de Sheremetyevo para Nova York. Isso foi em 18 de agosto de 1991.

Nas primeiras linhas de *Dez dias que abalaram o mundo*, John Reed chama seu relato de Petrogrado em 1917 de “momento condensado da história”. É difícil imaginar os eventos que levaram a 1991 como menos condensados e intensos. Planejei escrever um livro sobre o que tinha testemunhado, mesmo que a história ainda não estivesse resolvida por um evento tão nítido quanto o ataque ao Palácio de Inverno. Quem poderia esperar por isso?

Como acabou se revelando, só teríamos de esperar umas poucas horas. Quando estávamos na casa de meus sogros, fora de Nova York, e sintonizamos a CNN, Esther e eu, juntamente com o resto do mundo, assistimos às imagens de tanques soviéticos avançando pela Kutuzovsky Prospekt — logo à frente do prédio de nosso apartamento. Aí estava o golpe liderado pela KGB e previsto por Aleksandr Yakovlev. Era o fim que chegava, com certeza, de um modo ou de outro. Apesar de um furacão na Costa Leste, que tornou um pouco difícil marcar um voo de volta para a Rússia, no dia seguinte eu estava em Moscou. Em 21 de agosto, o golpe havia desmoronado. Após ser mantido refém em sua casa de praia na

Crimeia, Gorbatchóv regressou com sua família a Moscou, e a uma fria recepção de seu salvador e rival, Boris Yeltsin. Gorbatchóv pensava que tinha voltado ao poder; na verdade, estava voltando à capital para testemunhar a transformação do mundo que ele conhecia.

Não deixei Moscou definitivamente até os últimos dias do ano. Àquela altura, a própria União Soviética tinha se dissolvido, como cubinhos de açúcar em chá fervente. Voltei para Nova York e terminei *O túmulo de Lênin* tendo em mãos as anotações para uma extensão do capítulo final. A longa parte sobre o golpe de agosto — “Primeiro como tragédia, depois como farsa” — completou-se com os irresistíveis detalhes de Gorbatchóv sequestrado em sua casa de praia na Crimeia; as trapalhadas frenéticas nos escritórios de Lubyanka e pretensos ditadores se embriagando até o esquecimento; golpistas cometendo suicídio de todos os modos imagináveis. Foi um desfecho que nenhum roteirista de cinema ousaria imaginar. E lá estava ele, exatamente no encerramento do período de quatro anos da missão de um repórter. E mais do que isso, no que parecia ser inequivocamente um final feliz: o fim algo pacífico de uma passagem da história de inimaginável malignidade; o arreamento, na noite de Natal, de uma bandeira vermelha no Kremlin e o hasteamento de uma nova — vermelha, branca e azul. O fim do comunismo. O fim de um império. O fim da história. Após mil anos de feudalismo russo, autocracia tsarista e totalitarismo comunista, será que a democracia liberal, a prosperidade, a verdade e a justiça estariam muito longe?

Não muito depois, eu disse brincando a meus colegas no escritório do *Post* em Moscou que “a história acabou”. Essa brincadeira desprevensiosa ecoa uma idiotice mais profunda, a noção, vivenciada especialmente em Washington, de que a Rússia e as catorze outras ex-repúblicas soviéticas iriam se acomodar agora numa trilha, manobrável e fácil de ser ignorada, de desenvolvimento político e econômico, enquanto os Estados Unidos, livres da rivalidade e das obrigações da Guerra Fria, poderiam se impor como única superpotência do mundo. Era a crença na história que se sobrepõe à História, uma ilusão disseminada por incontáveis eventos a demonstrar que o declínio e o colapso da União Soviética prosseguiriam ainda por muitos anos após sua dissolução oficial. E vários desses eventos seriam mais feios do que tudo que se testemunhou durante a era Gorbatchóv: o sangrento “golpe de outubro” em 1993; as guerras na Tchetchênia, a ascensão do capitalismo oligárquico, frequentemente criminoso; a queda da nascente imprensa livre e a asfixia das liberdades civis; o colapso econômico de 1995; a desa-

gradável senilidade de Boris Yeltsin e a ascensão de Vladimir Putin. E, com a ascensão de Putin, a clara percepção de que o desenvolvimento de uma democracia liberal era uma perspectiva distante, muito mais distante do que poderia imaginar quem quer que tivesse se deixado levar pelos eventos de 1991.

Putin se manteve na presidência de 2000 a 2008. Depois, cedendo, ao menos nominalmente, aos ditames da Constituição russa, abriu mão em favor de seu protegido, Dmitri Medvedev. Numa eleição que pouco se esforçou para fingir seguir normas democráticas, Medvedev ganhou a presidência, e depois, em seu primeiro ato como governante, instalou Putin no cargo de primeiro-ministro. Ninguém se deixou enganar: a era Putin continuava.

A popularidade de Putin é um avatar da tradição russa, e o poder do Estado é em parte resultado da reprovação com que a maioria das pessoas avalia a era Yeltsin. Numa viagem a Moscou em 2008, assisti a *Zhmurki*, ou *O blefe do homem morto*, de Aleksei Balabanov, um filme de gângsteres que parece encapsular, numa caricatura sangrenta, a visão geral da Rússia na década de 1990 como caótica, corrupta e violenta. O filme começa com uma professora dando uma aula de economia em 2005, explicando como, após o colapso do comunismo e da União Soviética em 1991, houve uma “redivisão da propriedade” — a maior na história da humanidade. Foi um período no qual as “pretensas oligarquias” adquiriram seus campos de petróleo, suas minas de ouro e seus bancos.

“Alguém sabe como?”, ela pergunta.

“Naquela época”, diz um ansioso aluno, “podiam-se fazer montes de dinheiro do nada.”

“E havia também grupos de criminosos”, acrescenta a professora, “que se misturaram com as autoridades e, ao fazer isso, adquiriram seu capital inicial.”

Nesse ponto aparece na tela um intertítulo em que se lê: “Meados da década de 1990”, seguido de uma cena medonha em que um assassino chamado de “O Profissional” tortura um gângster rival num necrotério. Na sequência final, dois sádicos matadores profissionais roubam cinco quilos de heroína de seu chefe — seu “capital inicial” — e fogem para Moscou, onde trocam suas jaquetas de couro e pistolas por ternos escuros e empregos na burocracia do Kremlin.

Na Rússia atual, a *demokratia* que emergiu na década de 1990 é freqüentemente chamada de *dermokratia*: “merdocracia”. A noção de liberalismo — uma

crença na necessidade de uma sociedade civil, de liberdades civis, de uma economia aberta — também se degradou. De todos os ativistas e políticos pró-democracia do final dos anos 1980 e da década de 1990, o único que ainda é lembrado com afeto — mas não com muita frequência — é o físico e ativista de direitos humanos Andrei Sakharov. E isso talvez porque tenha morrido em dezembro de 1989, dois anos antes da queda do Império soviético. Os partidos liberais que tiveram início na década de 1990, como o Yabloko (Maçã) e a União das Forças Direitas, continuam contaminados por suas conexões com a era Yeltsin e não têm mais assentos na Duma. “O Estado permite que exista oposição enquanto não houver coalizão”, contou-me Mikhail Kasyanov, um ex-primeiro-ministro.

“É raro encontrar alguém na oposição, exceto os comunistas, assim como nos tempos de Yeltsin”, disse Aleksandr Soljenítsin ao *Der Spiegel* pouco antes de sua morte, em agosto de 2008. “Se você olha a situação com imparcialidade, vê que houve um rápido declínio do padrão de vida na década de 1990, que afetou três quartos das famílias russas, e tudo isso sob a ‘bandeira da democracia’. Não é de admirar, então, que a população não mais cerre fileiras por essa bandeira.” Soljenítsin, que morava nos arredores de Moscou, tinha então 88 anos e uma saúde precária. Conquanto muito de sua obra como romancista e historiador compreendesse uma prolongada crítica ao poder soviético e à polícia secreta, ele agora falava aprobatoriamente de Putin, que foi tenente-coronel na KGB. “Putin herdou um país saqueado e aturdido, com um povo pobre e desmoralizado”, ele disse. “E começou a fazer o que era possível — uma restauração lenta e gradual.”

Garry Kasparov, o campeão de xadrez, é uma das poucas vozes dissidentes notáveis na era de Putin e alegou que a popularidade de Putin é a falsa popularidade dos ditadores. “O apoio a Putin é uma espécie de resistência passiva à mudança”, ele me disse. “Não se pode falar de pesquisas e de popularidade quando toda a mídia está sob controle do Estado. Não quero dar más ideias a ninguém, mas com tal aparato de propaganda, suportado por uma força de segurança todo-poderosa, uma aprovação de 70% seria o mínimo!”

Duas grandes tradições sobreviveram na Rússia pós-soviética: o poder da polícia secreta e o uso da alegoria como meio de dizer a verdade. Na Rússia de Putin, o que vem depois é um dos poucos meios efetivos de descrever o que veio antes. Vladímir Sorókin, um escritor de cinquenta e tantos anos de idade com certa queda por uma brutalidade surreal, publicou um romance distópico chamado *Day of the Oprichnik* [Dia do Oprichnik]. Os *oprichniki* eram a polícia secreta

do século XVI, a KGB de Ivã, o Terrível. Na descrição que Sorókin faz de uma Rússia autoritária no ano de 2028, o governante controla todos os destinos e toda a informação. O bem-estar do Estado depende de petróleo e de gás, e a sobrevivência do indivíduo, de uma inquestionável lealdade a um déspota sanguinário e a seu círculo de *oprichniki*. O próprio Estado é profundamente conservador, tradicional.

A alegoria é fácil de acompanhar. Putin e muitos de seus funcionários do alto escalão no Kremlin, ministros e assessores, vieram das fileiras da KGB, e muitos provêm de sua cidade natal, São Petersburgo. Yeltsin fez tentativas experimentais de reformar os serviços de segurança, mas elas fracassaram. “O sistema de polícia política foi preservado”, admitiu Yeltsin antes de sua morte, em 2007, “e poderia ser ressuscitado.” Durante a década de 1990, os oligarcas equiparam suas organizações com assessores bem treinados, bem informados, ex-KGB, mas Putin inverteu a hierarquia. Os *siloviki* — agentes de segurança — eram mais prevalentes em seu Kremlin do que eram os homens de Harvard na Casa Branca de Kennedy. Olga Kryshtanovskaya, especialista em elites políticas, estimou que os *siloviki* ocupam mais de 60% das posições de alto escalão e de médio para alto escalão no Estado. Eles administram numerosos departamentos do Kremlin, burocracias, operações bancárias e corporações estatais.

Numa entrevista — com a extensão de um livro — sobre sua vida, “Primeira pessoa”, Putin disse que quando estava lotado na Alemanha Oriental, na década de 1980, ficava frequentemente ocioso, à medida que o comunismo ia desmoronando. Ele bebia sobretudo a cerveja local — “verte-se a cerveja no barril, acrescenta-se uma torneira e pode-se beber direto do barril” — e engordou mais de onze quilos. Mas, como presidente, não hesitou em demonstrar lealdade a seu antigo empregador e em aumentar seu poder. “Não existe essa coisa”, disse ele, “de um ex-chekista”.*

Alguns dos eventos mais gritantes na história recente da Rússia — os assassinatos de jornalistas, as prisões de executivos desobedientes da área dos negócios, a intervenção em companhias estrangeiras não cooperativas — são tidos por muitos como ligados à agência que sucedeu à KGB, o Serviço Federal de Segurança (a FSB, na sigla em inglês), embora a estrutura geral do regime, seu modelo de

*Membro da Cheka, uma das principais organizações estatais de segurança na Rússia soviética. (N. T.)

corrupção, o modo estratégico com que controla a sociedade e a economia e como lida com o mundo exterior sejam muitas vezes mais sofisticados que a confusão do final da era soviética. Putin não governa como um ditador — não no sentido stalinista. O fato de aceitar Medvedev, um advogado com impulsos claramente mais liberais em relação a tudo, desde as liberdades civis até questões essenciais da história soviética, é uma evidência disso. Putin sabe que para participar da economia global tem de levar seus recursos ao mercado e se comportar com um mínimo de decoro. Quando alguém se põe em seu caminho ele é capaz de usar a FSB, mas de modo altamente seletivo. No mundo moderno, o uso [contra alguém] da polícia fiscal ou de um único e bem divulgado incidente de alguma misteriosa brutalidade é muito mais eficaz do que repressão em massa ou do que o gulag. E, com a experiência que ele tem, quem será capaz de demonstrar a Putin que estabilidade e prosperidade exigem uma política verdadeiramente democrática, uma separação entre os poderes, e liberdades civis?

Putin tratou de garantir que quase todo o poder na Rússia seja o Poder Executivo. A legislatura, a Duma estatal, é só marginalmente mais independente do que era o Soviete Supremo sob Leonid Brejnev. O domínio da lei, dos juízes e dos júris é uma farsa. Os governadores das mais de oitenta regiões da Rússia não são mais eleitos, como eram no tempo de Yeltsin; a partir de um decreto presidencial de 2004, são todos nomeados pelo Kremlin. As redes federais de televisão, de longe o principal instrumento de notícias e informação na Rússia, são neossoviéticas em sua obediência absoluta ao poder do Kremlin. A comunidade dos negócios também tem de obedecer aos comandos e sinais do círculo de Putin. Agora há quase tantos bilionários em Moscou quanto há na cidade de Nova York, mas a prisão em 2003, por fraude, de Mikhail Khodorkovsky, magnata do petróleo que tinha sido o homem mais rico do país, foi um sinal claro, abominável, de que a riqueza depende da aprovação do Kremlin. Khodorkovsky, que tivera a ousadia de fundar partidos de oposição, expor suas próprias ideias políticas e interromper acordos sobre oleodutos com a China sem a permissão do Kremlin, ainda está preso na Colônia Penal nº 10, na Sibéria oriental. Mas, a esta altura da história russa, quem se importa?

“A grande maioria das pessoas aprecia o fato de que, pela primeira vez na história russa, elas viveram quinze anos sem a pressão constante do totalitarismo em cada aspecto de suas vidas”, disse Vladimir Milov, um economista que deixou o governo de Putin em 2002. “Por exemplo, você pode viajar livremente para o

exterior. A maioria do povo ainda não pode se dar a esse luxo, mas os mais ativos e instruídos podem, e isso faz uma enorme diferença. As autoridades aqui deixam que você exista contanto que não as questione. Em outras palavras, o acordo que elas propõem é o seguinte: vocês nos deixam roubar e eu os deixo viver.”

Em 1989, no meio das reformas iniciadas por Mikhail Gorbatchóv, dois conhecidos cientistas sociais, Andranik Migranyan e Igor Klyamkin, publicaram um diálogo no jornal semanal *Literaturnaya Gazeta*, no qual Migranyan dizia: “Em lugar algum, em nenhum país do mundo, jamais houve uma transição direta de um regime totalitário para a democracia. Sempre houve a necessidade de um período autoritário provisório”. Na época, os intelectuais liberais de Moscou, imaginando um futuro diferente para o país, rejeitaram o artigo por ser pessimista, inexato e com um prognóstico reacionário. Isso acabou, não existe mais. Ninguém deve subestimar os anos de 1989-91 como menos importantes do que realmente foram. A ideologia comunista, o Estado soviético, o velho império morreram, e não há um temor real de seu retorno. Mas a percepção de um final — um final abrupto e feliz —, essa é uma ilusão na qual ninguém tem acreditado por muitos anos.

David Remnick
2010

Prefácio

Muito antes de qualquer pessoa ter uma razão para prever o declínio e a queda da União Soviética, Nadezhda Mandelstam enchia seus cadernos com o tom da esperança. Ela não era sentimental nem ingênua. Tinha visto seu marido, o grande poeta Óssip Mandelstam, ser arrastado para os campos de prisioneiros durante o terror dos anos 1930; descrevera em termos impiedosamente claros o modo como o regime deixava seus súditos num estado permanente de terror. As pessoas na União Soviética tinham ficado, segundo suas palavras, “um pouco desequilibradas mentalmente — não que estivessem doentes, mas não estavam normais, tampouco”. Mas Nadezhda, diferentemente de tantos intelectuais e políticos, via os sinais da debilidade inerente ao sistema soviético e acreditava na capacidade de resistência do povo.

Em 20 de agosto de 1991, uma tarde chuvosa, infeliz, eu caminhava em meio à multidão que protegia o Parlamento russo de uma potencial invasão pelos líderes de um golpe militar. Todos nós assistimos naquele dia ao que muito poucos poderiam ter previsto: cidadãos soviéticos — operários, professores, malandros, crianças, mães, avós, até soldados —, todos enfrentando um grupo de homens ignorantes que se julgavam uma versão melhorada do regime bolchevique e acreditavam possuir o poder de congelar o tempo, ou mesmo de fazê-lo

voltar atrás. Em suas apressadas conjecturas, os conspiradores davam por certo que “as massas” estavam exaustas e indiferentes demais para reagir. Mas dezenas de milhares de moscovitas comuns estavam dispostos a morrer pelos princípios democráticos. Era dito na época, e se diz até hoje, que os russos sabem pouco ou nada de sociedade civil. Que estranho, então, que tantos estivessem dispostos a dar a vida para defendê-la.

Não tenho, em geral, uma memória muito boa para as coisas que li, mas naquela tarde do golpe, horas antes de ficar claro que não haveria ataque algum e que o putsch iria fracassar, pensei numa breve passagem, circundada com caneta preta, no meu exemplar de capa mole de *Hope against Hope* [Esperança contra esperança], de Nadezhda Mandelstam: “Esse terror poderia voltar, mas isso significaria mandar vários milhões de pessoas aos campos de prisioneiros. Se isso acontecesse agora, eles iriam gritar — bem como suas famílias, amigos e vizinhos. Isso é algo a levar em conta”. Os líderes do golpe de agosto não tinham contado com o desenvolvimento de seu próprio povo. Não entenderam nada. O erro de avaliação os levou à cadeia, e as bases do antigo regime desmoronaram.

No momento em que escrevo, a euforia daqueles dias de agosto já faz parte do passado, e a democracia russa é uma coisa delicada. Há dias em que parece que pouco mudou, que o destino da Rússia depende, mais uma vez, das habilidades, das inclinações e da pulsão cardíaca de um homem. Dessa vez é Boris Yeltsin: heroico durante o golpe, flexível, esperto, mas também, às vezes, afoito com a linguagem, inconsequente com a garrafa de bebida. Ninguém sabe o que aconteceria se Yeltsin saísse do poder, como resultado de um mal súbito ou de um levante dos nacionalistas linha-dura, neofascistas e comunistas nostálgicos que dominam o Parlamento. No momento em que a edição original deste livro vai para a gráfica, em abril de 1993, a luta pelo poder entre Yeltsin e o Parlamento segue irresoluta e chama a atenção para a falta de uma Constituição clara e praticável, de um sistema legal e de um sistema de autoridade. As instituições dessa nova sociedade são embrionárias, infinitamente frágeis.

Em janeiro de 1993, o programa de terapia de choque econômico de Yeltsin resultou apenas em progresso espasmódico, muita dor e, em toda parte, angústia. Comida e outros suprimentos são mais fartos em alguns locais, mas os preços estão fora de controle. A taxa de inflação começa a parecer latino-americana.

Os chefes das vastas instalações militares mostram pouco interesse em convertê-las em uma economia de tempos de paz, e os subsídios absurdos que elas recebem causam estragos nas finanças russas. Uma nova e impetuosa classe de jovens escroques e mesmo de alguns empresários honestos está prosperando, mas os velhos, os fracos e os pobres estão desalentados. A taxa de criminalidade está fora de controle. E em toda parte há um novo demagogo — comunista, nacionalista ou simplesmente louco — pronto para explorar os fracassos, as vaidades e os infortúnios do governo eleito. Até agora, quase todos os potenciais sucessores de Yeltsin prometem ser menos inclinados a uma reforma radical da economia e mais propensos a adotar uma agressiva política externa anti-Ocidente.

Em outras partes da antiga União Soviética, a situação é no mínimo igualmente preocupante. Há guerrinhas hediondas no Cáucaso, golpes de Estado na Ásia Central. A Moldávia, a Letônia, a Estônia e a Lituânia acusam a Rússia de imperialismo por ter mantido nesses países suas unidades militares. Os russos, por sua vez, queixam-se de que os líderes dos governos do Báltico tratam os não bálticos como cidadãos de segunda classe. A Armênia está arruinada e à beira de um colapso, a Geórgia é consumida pela guerra civil. A despeito de uma série de tratados históricos com os Estados Unidos, os conflitos não resolvidos acerca de arsenais militares entre Rússia, Ucrânia, Bielorrússia e Cazaquistão perturbam nosso sono com pesadelos daquilo que o secretário de Estado americano James Baker chamou uma vez de “uma Iugoslávia com usinas nucleares”.

Apesar de tudo isso, inclino-me para o tipo de otimismo teimoso de Nadezhda Mandelstam. Este livro, afinal de contas, faz a crônica dos últimos dias de um dos regimes mais cruéis da história humana. E, tendo atravessado aqueles dias finais, tendo morado em Moscou e viajado pelas Repúblicas do finado império, estou convencido de que, quaisquer que sejam as dificuldades à frente, não haverá retorno ao passado. No Ocidente, não podemos nos dar ao luxo de desviar os olhos desse processo. Recusar ajuda colocará em risco a Rússia, a antiga União Soviética e a segurança do planeta.

Serão necessários muitos livros e registros para entender a história da União Soviética e seu colapso final. Ainda estamos, em última instância, debatendo os eventos de 1917. Reescrever a história leva tempo. Quando lhe perguntaram o que pensava da Revolução Francesa, Chu En-Lai disse: “É muito cedo para dizer”. Compreender o período Gorbatchov exigirá uma nova biblioteca cobrindo um imenso leque de assuntos: relações Estados Unidos-União Soviética, história

econômica, as sublevações nos Estados bálticos, no Cáucaso, na Ucrânia e na Ásia Central, a pré-história da perestroika, os efeitos psicológicos e sociológicos de um regime totalitário duradouro.

Fui para Moscou em janeiro de 1988 como repórter do *Washington Post* e vi a revolução desse ângulo particular. Como uma porção de repórteres em Moscou, eu escrevia de trezentas a quatrocentas matérias por ano para editores que com certeza teriam publicado até mais. Mesmo na época, no meio daquele trabalho febril, parecia que os múltiplos eventos da era Gorbatchov-Sakharov-Yeltsin seguiam uma certa lógica, um padrão: logo que o regime se abrandou o bastante para permitir um amplo exame do passado soviético, uma mudança radical mostrou-se inevitável. Uma vez que o sistema revelou o que era e o que tinha sido, estava condenado. Início, na Parte I, com aquele movimento essencial — o retorno da história na União Soviética — e então passo, na Parte II, aos começos da democracia e, na Parte III, à confrontação entre o antigo regime e as novas forças políticas. A Parte IV é uma tentativa de descrever, a partir de múltiplos pontos de vista, o putsch de agosto — episódio dos mais bizarros e dramáticos — e suas consequências. Na Parte V, vemos a tentativa final do Partido Comunista de justificar a si próprio enquanto, por todo lado, um novo país está nascendo. Ao longo de todo o trabalho, conto a história sobretudo pelos olhos de uns poucos homens e mulheres representativos, alguns bem conhecidos, outros não.

Tenho certeza de que se Nadezhda Mandelstam estivesse viva hoje ela não perderia muito tempo comemorando. Seria implacavelmente crítica com relação às injustiças e aos absurdos da política na Rússia pós-totalitária. Alertaria sobre os problemas de esperar que um povo ferido e isolado faça uma rápida transição para um modo de vida que já não oferece um esteio paternalista do berço ao túmulo. Ela alertaria, a despeito de seu apreço pelos romances de Agatha Christie, contra a nova maré de cultura descartável — a súbita febre das novelas mexicanas e dos tênis americanos. Não ignoraria as dificuldades, e mesmo os desastres, que estariam à espera. Mas permaneceria, acredito, otimista. O otimismo é uma crença numa saída gradual e dolorosa dos escombros do comunismo, é uma confiança de que as antigas vítimas da experiência soviética têm vivência histórica demais para retornar à ditadura e ao isolamento. Já há sinais em toda a Rússia e no restante da antiga União Soviética de uma nova geração de artistas, professores, empresários e até políticos em ascensão. Pes-

soas “livres dos velhos complexos”, como dizem os russos. Pode até chegar logo um tempo em que passar de um dia a outro não exija mais o tipo de milagre que testemunhamos nos últimos vários anos do antigo regime. Talvez um dia a Rússia possa mesmo se tornar de certo modo comum, um país de problemas em lugar de catástrofes, um lugar que se desenvolve em vez de explodir. Isso seria uma coisa digna de ser vista.